

# **Medievalismo(s) a Duas Vozes: Acordes Românticos de Herculano e Ruskin**

*Dulce Melão  
Escola Superior de Educação  
Jean Piaget/Viséu*

*Abstract:* In the nineteenth century the Middle Ages was reborn in Europe, becoming a powerful tool against industrialisation. It is widely recognised that Herculano and Ruskin played an important role in conveying new images of the epoch to the readers. However, scholars have shown little interest in the influence Scott's portraits of the Middle Ages exerted in Herculano and Ruskin's depiction of the epoch. The aim of this paper is twofold: (1) to highlight the importance attained by the Middle Ages in the works of Herculano and Ruskin; (2) to examine the reasons that led both authors to transform the medieval period into a didactic discourse in their works.

*Resumo:* No século XIX, a Idade Média renasceu na Europa, transformando-se em poderosa ferramenta de combate à industrialização. É amplamente aceite que Herculano e Ruskin desempenharam um importante papel na divulgação de uma imagem renovada da época junto dos leitores. No entanto, os investigadores têm demonstrado pouco interesse em estudar a influência que os retratos da Idade Média elaborados por Scott exerceram na pintura que Herculano e Ruskin fazem da época. Este artigo tem dois objectivos: (1) pôr em relevo a importância que a Idade Média assume nas obras de Herculano e Ruskin; (2) descortinar as razões que levaram os dois autores a transformar o período medieval em discurso didáctico nas suas obras.

## **1. Introdução**

É sabido que o clima de instabilidade política que varreu a Europa no século XIX bem como a progressiva industrialização das sociedades suscitou uma nem sempre saudável nostalgia pelo retorno a épocas passadas. Compreende-se, pois, que um novo género literário tendo como matéria-prima o passado, misto de ficção e História, venha responder a tal aspiração. Assim, o romance histórico, através da pena de Walter Scott, traz à Europa o sonho perdido, revitalizando o interesse pela longínqua Idade Média, cujos contornos mal definidos apelavam aos leitores em busca de refrigério para os problemas que eivavam o presente. Alexandre Herculano (1810-1877) e John Ruskin (1819-1900), inspirados por Scott, deram a conhecer aos seus contemporâneos a época medieval, conferindo-lhe uma panóplia

de matizes que a tornasse atractiva e possibilitasse estabelecer pontos de contacto com o presente. Ainda que inseridos em realidades distintas, ambos procuraram exercer uma influência marcante nas sociedades em que estavam inseridos, insuflando inusitado vigor à mensagem que veicularam através das suas obras. Nesta breve reflexão, ainda que de forma não exaustiva, procurarei pôr a nu a importância que Idade Média assume nas obras de Herculano e Ruskin, e descortinar os propósitos que os movem a adoptar tal matéria-prima ao serviço de uma estratégia de persuasão com intuítos didácticos, aos quais não está alheia a edificação moral.

## 2. Medievalismo(s)

O interesse suscitado pela Idade Média na Europa do século XIX deu origem à criação de múltiplas manifestações culturais tendo como matéria de eleição a época medieval. Assim, não é possível definir de forma rigorosa tal fenómeno que assumiu distintos contornos ditados pelas sociedades em que emergiu. No que respeita a Inglaterra, o caso é particularmente complexo dada a heterogeneidade dos componentes que fazem parte do chamado medievalismo romântico e vitoriano. Tal como sublinha Banham (1984:17) a riqueza do medievalismo advém exactamente da sua diversidade, abarcando os romances de cavalaria, os romances de Scott e o renascer do estilo Gótico, entre outros. No seu mais recente estudo sobre o medievalismo romântico, Fay (2001) chama também a atenção para a importância de tal diversidade cujo interesse terá ditado o que autora (2001:6) identifica como a recente revisão crítica a que foi sujeita a atracção dos românticos pelo passado. O seu estudo é também uma contribuição de relevo para compreender tal atracção já que se fixa sobretudo na poesia, completando, pois, estudos centrados na prosa e romance do século XIX, como é o caso de Chandler (1975, 1971).

Scott é unanimemente apontado (Yokoyama 1991, Chapman 1986) como o maior responsável pela popularidade alcançada pela Idade Média na Europa do século XIX, à qual Portugal também não escapou. Garrett e Herculano foram os principais obreiros a levar a cabo uma revolução cultural que instalou o passado como força vivificadora do panorama político-cultural do país. É sabido que o medievalismo garrettiano se verte em moldes distintos do medievalismo herculaniano já que, como sublinha Buescu (1997:312), o primeiro contempla o *Romanceiro* e a arrumação doutrinária que Garrett deu à história da literatura Portuguesa, enquanto o segundo diz respeito à centralidade que a Idade Média adquire quer nos estudos de historiografia, quer na obra narrativa de Herculano. Ora este último, tal como Ruskin, terá Scott como fonte primária de inspiração,<sup>1</sup> pondo em palco, nos seus romances, uma Idade Média cuja cor apele ao leitor. Dada a multiplicidade de sentidos que Herculano e Ruskin conferiram ao período medieval a minha

1 Apesar da importância que Scott assume na vida e obra de Ruskin há poucos estudos que investiguem tal influência. Finley (1987) e Clegg (1985) são excepções. No respeito à atracção que Scott exerceu em Herculano importa destacar o estudo de Pires (1979) bem como a recente investigação, ainda que de âmbito mais alargado, de Marinho (1999), sobre o romance histórico.

abordagem será obrigatoriamente sumária. Por razões de ordem metodológica fixarei a minha atenção, em primeiro lugar, no medievalismo multiforme de Herculano. Em segundo lugar, lançarei um olhar atento ao medievalismo idealista de Ruskin,<sup>2</sup> procurando deslindar as motivações por detrás do interesse demonstrado pela Idade Média e a forma como tal preferência se verte na sua prosa.

**a) O medievalismo multiforme de Herculano**

Serrão (1977:178) define sintomaticamente Herculano como "homem de letras que sentia a paixão da Idade Média." França (1977:49) vai porventura mais longe quando afirma que "medievalista por vocação romântica e por opção ideológica, Herculano entendeu a Idade Média como uma vivência global." De facto, a par da sua relevante faceta de historiador que o instigava a ver na Idade Média o período de ouro da História,<sup>3</sup> enquanto escritor Herculano hasteou a época medieval como bandeira doutrinária. Para o escritor, a Idade Média era "imensamente poética porque tinha crenças, e profundamente simbólica, porque era poética" (Herculano, 1985:319). O encanto de tal "brilhante época" (Herculano, 1986:51) residia também, segundo o seu ponto de vista, e à semelhança de Ruskin, na cavalaria. Veja-se, a título de exemplo, o entusiasmo com que se refere aos cavaleiros de tempos idos:

*Os cavaleiros-modelos... foram só os que se criaram na corte de D. João I; e a poética ficção dos Doze de Inglaterra pinta a época em que se diz sucedera essa aventura. Cavaleiros andantes portugueses houve-os nos séculos anteriores; mas a cortesia, a louçaínha, e a galantaria que caracterizavam a verdadeira cavalaria só as mostra a nossa história nos guerreiros indomáveis, que na batalha de Aljubarrota formavam o esquadrão brilhante chamado a Ala dos Namorados. Eram estes guerreiros que faziam aqueles votos denodados, em demanda de cuja execução muitas vezes perdiam a vida: eram estes que, percorrendo pelas terras estrangeiras, aí deixavam perene memória de seus esforçados feitos (Herculano, 1986:52)*

Não admira, pois, que um dos seus romances favoritos seja *Ivanhoe* (1819), classificando-o como "uma pintura da vida da Idade Média" (Herculano 1986:194). Herculano procurará também na sua paleta de artista as cores que, em seu entender, são mais adequadas para tornarem tal período atractivo aos olhos do leitor.

*O Panorama*, revista que dirigiu durante largos anos, foi o primeiro veículo que possibilitou a Herculano a revitalização da Idade Média, transformando-a em discurso poético-didáctico. Assim, nas suas *Lendas e Narrativas*, contemporâneas em termos de elaboração e publicação dos seus romances históricos,<sup>4</sup> há múltiplos exemplos que corroboram o seu interesse pela época medieval e indiciam os propósitos que o movem. Em *Arras por Foro de Espanha* (1841-42) e

2 Não sendo meu propósito rotular, de forma taxativa, o modo como Herculano e Ruskin interpretaram a Idade Média julgo que, enquanto o primeiro confere ao período medieval múltiplos matizes com intuítos claramente didácticos, lançando mão dos romances e narrativas históricas para atingir os seus propósitos, o segundo busca na Idade Média um lenitivo eficaz para o seu desencanto com o estado a que chegou a sociedade Inglesa. Tal não significa, porém, que o período medieval lhe não sirva como modo eficaz de contrastar passado e presente, apesar de lhe conferir contornos ideais.

3 Tal como afirma Beau (1964:169), "A Idade Média afigura-se-lhe como o protesto da variedade contra a unidade, da individualidade nacional contra a organização totalitária e niveladora do Império Romano (...). A Idade Média apresenta-se-lhe como a época em que a nação chegou à consciência e realização da sua autonomia."

4 Recorde-se que três capítulos de *O Monge de Cister*, publicado em volume em 1848, surgiram em folhetins em 1841. *O Bobo e Eurico, o Presbítero* começam a ser publicados n' *O Panorama* em 1843 e 1844 respectivamente.

*O Alcaide de Santarém* (1845-46) o leitor é convidado a reflectir sobre o carácter negativo da vingança, cuja crueza medieval é posta a nu sem rodeios. A ambição desmedida de Leonor Teles, que Herculano (1992a:63, 87) pinta com cores porventura mais fortes que a de Fernando Peres de Trava em *O Bobo* (1878), fornece também aos leitores ampla matéria de reflexão. A lealdade e a coragem dos cavaleiros medievais estão, por seu turno, bem vinculadas em narrativas como *O Castelo de Faria* (1838) e *A Morte do Lidador* (1839), onde sobressaem, respectivamente o espírito combativo de Nuno Gonçalves e Gonçalo Nuno (Herculano 1992a:194-96) e o “valor indomável” de Gonçalo Mendes da Maia (Herculano 1992b:101). Igualmente digno de realce é o destaque conferido, na primeira narrativa, ao castelo medieval (Herculano 1992a:191), e na segunda à descrição da batalha em que participa Gonçalo Mendes da Maia (Herculano 1992b:108-10). Merece também especial menção *A Abóbada* (1839), talvez uma das narrativas mais citadas de Herculano. Conferindo lugar central à que designa de “página do nosso livro de pedra a que os espíritos vulgares chamam simplesmente o mosteiro da Batalha” (Herculano 1992a:205), o romancista põe em relevo um eloquente exemplo de amor à pátria aliada a inusitada coragem: o de mestre Afonso Domingues. A vontade férrea do cavaleiro que se bateu na batalha de Aljubarrota em completar a obra que iniciara, em vez de a deixar entregue nas mãos de um estrangeiro cuja alma “não é aquecida à luz do amor da pátria” (Herculano 1992a:212), dá lições a todos os que o rodeiam, incluindo o próprio monarca.

Nos seus romances históricos Herculano confere também especial relevo à Idade Média, dando preferência à descrição de ambientes de cor medieval onde se destacam figuras como o cavaleiro ou o bobo. Assim, em *Eurico, o Presbítero* (1844) o herói é cavaleiro-presbítero Eurico, cuja acção no campo de batalha é sobejamente posta em destaque; em *O Monge de Cister* (1848) o protagonista da história é Vasco da Silva, cavaleiro feito monge, e em *O Bobo* (1878), para além do destaque conferido a D. Bibas, o bobo da corte, é dado particular relevo ao cavaleiro Gonçalo Mendes da Maia. Nos três romances não faltam quer descrições pormenorizadas de batalhas, que permitem ressaltar qualidades como a coragem, a lealdade e a magnanimidade quer, no caso de *O Bobo* (1878), um colorido torneio em que sobressai a acção vigorosa de Gonçalo Mendes da Maia. O cenário medieval em que se movem tais personagens serve igualmente a Herculano para veicular uma mensagem de forte pendor ideológico através do contraste passado/presente. Tal como sublinha Buescu (1987:22), o passado “estabelece com o presente, aos olhos do escritor romântico, uma *relação dinâmica*, estruturadora de uma compreensão do contemporâneo, possibilitando pois uma acção mental e até factual sobre esse mesmo presente.” Tal relação assume nos romances de Herculano um papel central na divulgação de pressupostos que Herculano crê fundamentais para que se operem mudanças que reputa

de essenciais ao desenvolvimento harmonioso da sua pátria. Não admira, pois, que logo no primeiro capítulo de *Eurico, o Presbítero* (1844) seja dado grande destaque ao estado de decadência a que chegou o Império de Espanha, sendo o leitor chamado a reflectir sobre um povo que “esquecera completamente as virtudes guerreiras de seus avós” (Herculano, 1994:35) e se entregara a uma guerra civil alimentada por traições e vinganças, alentando em seu seio a corrupção. O distanciamento entre glórias passadas e degeneração no presente é também habilmente marcado pelas reflexões do presbítero Eurico. É que estas apontam com maior veemência para a importância da perda das “tradições de avós” (Herculano, 1994:53) e também para o facto dos guerreiros se lançarem em lutas civis, em vez de combaterem os inimigos da pátria (Herculano:1994:52-53). Ora é sabido que, enquanto cidadão, Herculano sempre pugnou pelo respeito pelo passado,<sup>5</sup> não se conformando com a instabilidade política do seu país que alimentava lutas inglórias. O escritor procura, pois, reforçar tal mensagem junto dos leitores.

Os conflitos internos gerados por períodos de transição<sup>6</sup> estão também patentes em *O Monge de Cister* (1848), romance em que Herculano pinta com cores carregadas os vícios da época de D. João I com o objectivo de fazer extrapolações com a situação presente em que vive. Atente-se na forma como descreve as consequências do progresso:

Que se apresse aquele que quiser guardar alguns fragmentos do passado para as saudades do futuro; porque a ilustração do vapor e do ateísmo social aí vai nivelando o que foi pelo que é, a glória pela infâmia, a fraternidade do amor da pátria pela fraternidade dos bandos civis, as memórias da história gigante do velho Portugal pelo areal plano e pálido da nossa história presente, a obra artística pelos algarismos do orçamento, o templo do Cristo pela espelunca do rebatedor (Herculano, s/d:l-17)

Ao recuperar, no seu romance, “alguns fragmentos do passado,” Herculano procurará, pois, dar lições ao presente. Assim se compreende que, a par de pormenorizadas descrições que embrenham o leitor em eventos como o sarau medieval<sup>7</sup> e a procissão do Corpus, o romancista estabeleça uma estreita dependência entre o comportamento atroz da personagem principal e a sociedade em que está inserido. Recorde-se que Vasco da Silva, sob o pretexto de lavar a honra da sua família, assassina barbaramente Lopo Dias e, auxiliado pelo abade D. João de Ornelas, leva a cabo um plano infernal para se vingar de Fernando Afonso, o homem que abandonou a sua irmã Beatriz. Herculano tem uma explicação simples para tais atrocidades: Vasco nascera “bom e honesto” mas a sociedade fizera-o culpado (Herculano, s/d:l-44). E o romancista conclui, sintomaticamente, “Semelhante ao nosso, semelhante aos que hão-de vir, era o século

5 Herculano manifestou, em múltiplas ocasiões, tal respeito pelo passado (Herculano 1982:66; 1985:60, 412). A acção que desempenhou no que respeita à preservação do património Português foi também de extraordinária importância para o país, tal como demonstra Pacheco (1999).

6 Tal como sublinha Buescu (2001:47), “...ao colocar sistematicamente a acção em momentos de crise histórica, Herculano está a narrar não apenas o fim de certos momentos civilizacionais (...) mas também o dealbar de outros, concatenando fim com início e insistindo no facto de que é nesses períodos de problematização crítica que, por contraste, com mais nitidez se separam as águas entre os verdadeiros representantes da consciência nacional e os que, na óptica herculaniana, são sem sombra de dúvida os “traidores.”

7 Note-se que Herculano aproveita o ensejo para comparar os saraus modernos “tãcanhos e tristes” (Herculano, s/d:ll-112) com o sarau medieval, concluindo com pesar “A ativa nobreza dos nossos avós perdemo-la até nos passatemos.”

XIV; e Frei Vasco (...) era uma vítima das ideias do seu tempo, como tantos o são das do nosso.” Para ajudar o leitor a compreender o alcance da mensagem veiculada Herculano não hesita em fornecer-lhe vivas descrições da corrupção instalada entre cavaleiros nobres (Herculano, s/d:l-114-21) bem como alertá-lo para as consequências da ambição insensata personificada em Mem Bugalho (Herculano, s/d:l-106, 110-11). Se é certo que Herculano exagera na elaboração do plano macabro levado a cabo por Vasco da Silva, não há dúvida que confere maior vigor à mensagem que pretende veicular.

Em *O Bobo* (1878) Herculano retoma a missão de educar o leitor, persuadindo-o a agir. Assim, destaca, de novo, o carácter pernicioso das “dissensões civis” que em todas as épocas colocam em campos opostos “compatriotas e irmãos” (Herculano, 1992c:83) numa clara alusão ao clima de instabilidade seu contemporâneo. A sua insatisfação com a situação da pátria que classifica de “nação decadente, mas rica de tradições” (Herculano, 1992c:47) leva-o a erguer diante do leitor o bobo, D.Bibas, “padrão levantado à memória da liberdade e igualdade, e às tradições da civilização antiga” (Herculano, 1992c:56). Desta forma o romancista insistirá na importância da liberdade de expressão e de acção<sup>8</sup> já que, apesar de D.Bibas ser castigado por exprimir a sua opinião sobre o conde de Trava, é graças ao seu plano que Afonso Henriques tomará as rédeas do poder. Outro elemento importante a destacar no romance é o realce dado ao castelo de Guimarães. Caracterizado como distinto de outros pela sua “fortaleza, vastidão e elegância” (Herculano, 1992c:48), o castelo abriga em seu seio a ambição desmedida do conde de Trava mas também a coragem de Gonçalo Mendes da Maia e a audácia de D.Bibas. É ainda da fortaleza medieval que partem os defensores da liberdade da pátria para acorrerem em auxílio de Afonso Henriques. O castelo é, além disso, palco de um sarau que se reveste de particular importância. É que os diálogos aí travados entre os partidários e opositores da política do conde de Trava põem a nu a necessidade de os interesses da pátria deverem ser colocados acima de tudo, evitando, tal como sublinha o Lidador, “que irmãos não derramem sangue de irmãos” (Herculano, 1992c:70). À semelhança do que acontece nos romances anteriormente mencionados Herculano lança, pois, de modo franco e aberto, o desafio ao leitor à reflexão sobre a construção do futuro da pátria.

#### b) O medievalismo idealista de Ruskin

Se Herculano amou a pátria acima de tudo Ruskin contribuiu também, de forma relevante, para lançar os alicerces de uma Inglaterra respeitadora do seu passado e das suas tradições. O seu fascínio pela Idade Média não está isento de complexidade dado ter várias fontes que importa não esquecer, tais como Dante,<sup>9</sup> Carlyle,<sup>10</sup> a pintura da *Pre-Raphaelite Brotherhood*<sup>11</sup> e a arquitectura Gótica. Na presente reflexão ocupar-me-ei apenas, de forma sumária, de

<sup>8</sup> Recorde-se que, no entender de Herculano, a liberdade “não é tanto um fim como um meio: quer-se a liberdade não tanto para as nações serem livres, como para serem felizes” (Herculano, 1982:49).

duas das fontes que considero mais relevantes: Walter Scott e a arquitetura Gótica.

Se impulsionado pela leitura dos romances do “wizard of the North” Herculano recriou ambientes onde o Bem e o Mal se digladiam, Ruskin, ajudado pelo seu autor favorito, olhou a Idade Média enquanto oásis onde poderia encontrar o lenitivo adequado à tristeza que o consumia face a um presente que considerava à deriva no mar da industrialização. Vendo a Idade Média enquanto universo ideal face à realidade com que se confrontava, Ruskin ficou particularmente impressionado com o cavaleiro<sup>12</sup> enquanto entidade que reunia qualidades guerreiras e morais. Não admira, pois, que em *The Stones of Venice* (1853) Ruskin estabeleça uma relação estreita entre o vestuário do cavaleiro e a nobreza de carácter que a sua arte inspira, influenciando de forma sobeja os princípios morais que engrandecem a sua personalidade (Works, 11:223-24).<sup>13</sup> Compreende-se, assim, que Ruskin lamenta que se tenha perdido o gosto pela arte e objectivos da batalha (Works, 5:198). Uma das reflexões que faz, estabelecendo forte contraste entre o passado e o presente, é também particularmente elucidativa sobre a sua admiração pela cavalaria e as consequências que, do seu ponto de vista, advieram da sua extinção:

Down to Elizabeth’s time chivalry lasted; and grace of dress and mien and all else was connected with chivalry. Then came the ages which, when they have taken their due place in the depths of the past, will be, by a wise and clear-sighted futurity, perhaps well comprehended under a common name as the ages of Starch; periods of general stiffening and bluish-whitening, with a prevailing washerwoman’s taste in everything; involving a change of steel armour into cambric; of natural hair into peruke; of natural walking into that which will disarrange no wristbands; of plain language into quips and embroideries; and of human life in general, from a green race-course, (...) into a slippery pole, to be climbed with toil and contortion, and in clinging to which, each man’s foot is on his neighbour’s head (Works, 13:23)

Inspirado pela cavalaria, Ruskin instigou os seus contemporâneos a lutarem por uma sociedade mais justa, baseada no respeito mútuo que possibilitasse o enobrecimento moral. Tal apelo fica bem patente, no entender de Batchelor (2001), nas palestras que o autor Vitoriano proferiu diante de audiências distintas entre 1860-70. Assim, ao dissertar sobre o tema “The Future of England,” Ruskin convida a audiência a seguir exemplos que enobrecem o seu carácter enquanto que, ao desenvolver o tema “War,” lança aos mais jovens o repto de se converterem em “verdadeiros cavaleiros” (Batchelor, 2001:212). Os valores cristalizados na cavalaria parecem, pois, ter uma atracção especial para Ruskin, podendo ser encarados como parte do oásis perdido que procura recuperar na sua prosa.

9 Ruskin tinha particular interesse pela *Divina Comédia* (Hilton, 2001:588), possuindo conhecimentos detalhados da sua poesia, tal como sublinham os seus biógrafos (Batchelor, 2001:176-77, 285; Hilton, 2001:95). Milbank (1998) analisa a relevância de Dante na obra de Ruskin no seu estudo de maior fôlego sobre a influência do poeta Italiano na geração Vitoriana.

10 A influência de Carlyle na obra de Ruskin é amplamente reconhecida. Embora a relação de amizade que os unia tenha tido períodos de alguma tensão (Batchelor, 2001:246-48; Hilton, 2001:121-22), Ruskin admirava *Heroes and Hero-Worship* (1841) e *Past and Present* (1843), tendo tais obras funcionado como fonte de inspiração para *The Stones of Venice* (1851-53).

11 Este grupo de pintores/escritores que se inspirava na religião cristã e na Idade Média influenciou de forma sobeja o modo como Ruskin olhou o período medieval. Um dos quadros de Dante Gabriel Rossetti, o fundador do grupo em 1848, que maior sucesso obteve, intitulado “Dante Drawing an Angel in Memory of Beatrice” (1854) é um dos favoritos de Ruskin (Batchelor, 2001:140). O escritor admirava também a interpretação dada por Edward Burne-Jones, companheiro de Rossetti, às lendas Arturianas.

12 Ruskin não foi, de resto, o único a ser atraído por tal entidade. Assim, a importância que a cavalaria alcançou em Inglaterra desde finais do século XVIII até à guerra 1914-18 é posta em destaque, de forma pormenorizada, por Girouard (1981).

13 Todas as citações referentes à obra de Ruskin dizem respeito à edição organizada por Cook e Wedderburn (1903-1912). A informação numérica entre parêntesis corresponde, respectivamente, ao volume e à página onde se encontra a citação.

Dado que Ruskin se deleitava, profusas vezes, com a leitura dos romances de Scott, não admira que vá aí beber o entusiasmo que sente pela cavalaria e pelas lições que esta pode dar aos seus contemporâneos que considera vencidos pela inércia. Não surpreende, pois, o seu particular fascínio pelo rei Ricardo Coração-de-Leão (Works, 27:56-57), cuja faceta guerreira e desejo de tomar parte em aventuras são postos em relevo por Scott. Através do exemplo do monarca, Ruskin revê o carácter esplendoroso da Idade Média que lamenta ter-se eclipsado (Works, 11:225). Em *Marmion; or a Tale of Flodden Field* (1808), um dos poemas de Scott que mais admira (Works, 29:541; 33:450), Ruskin delicia-se igualmente com a descrição dos feitos dos cavaleiros na batalha, talvez animado pela coragem e bravura manifestados. Aí encontra decerto refúgio face ao desencanto que sente pelo presente.

Para além da leitura de *Ivanhoe* (1819) e *Marmion* (1808) importa realçar que Ruskin era também um leitor atento de romances de temática medieval tais como *Quentin Durward* (1823), *The Talisman* (1825) e *Anne of Geierstein* (1829). No entanto, ao longo dos anos, fruto da sua personalidade instável, emitiu juízos de valor, por vezes contraditórios, sobre os mesmos.<sup>14</sup> Tais leituras contribuíram, talvez, para alimentar a sua imaginação já de si propensa a acarinhar cavaleiros e damas em perigo.

A tentativa de recriar um universo medieval animado pelos princípios de ordem moral que norteavam a cavalaria fica, por seu turno, patente no ambicioso projecto que Ruskin designou de *Guild of St. George*. Um dos objectivos de tal organismo, constituído por homens norteados por elevados valores éticos, era contribuir para dotar o país de vasta riqueza de recursos que possibilitassem a felicidade dos cidadãos (Works, 28:638, 641). Ora talvez tenha sido Scott a incutir-lhe o entusiasmo por tal projecto. É que as anotações que Ruskin faz no quinto volume da biografia de Scott, da autoria de Lockhart (1869:224-26), indicam vivo interesse por um dos projectos do seu herói<sup>15</sup> que não chegou a ver a luz do dia mas apresenta semelhanças com o seu. No canto superior esquerdo da página onde tal projecto começa a ser descrito (Lockhart, 1869:224) Ruskin escreveu "St. George - Invaluable"<sup>16</sup> o que permite colocar cautelosamente a hipótese de Scott ter sido uma das forças impulsionadoras para levar o projecto a bom porto.

Uma reflexão, ainda que breve, sobre o fascínio que a Idade Média exerceu em Ruskin tem igualmente que contemplar o modo como encara a arquitectura Gótica. Assim, ao defender que seja cultivada uma multiplicidade de valores morais (opostos aos da sociedade altamente industrializada em que vive) que, em seu entender, o estilo Gótico personifica, Ruskin não se limita a lançar um olhar nostálgico sobre a Idade Média mas pretender intervir, com energia, nos destinos do país.

É sobretudo em *The Stones of Venice* (1851-53) que Ruskin põe a

14 Assim, *Quentin Durward* (1823) é considerado um romance "of very high value" (Works, 34:292) e, anos mais tarde, na sua biografia, "weak in fancy and false in prejudice" (Works, 35:547). A vinte de Fevereiro de 1886, em carta a Mrs Fanny Talbot (Spence, 1966:105), com quem mantinha relações de amizade, Ruskin é novamente de opinião que "Quentin and Geierstein deserve attentive re-reading."  
15 Scott pretendia ajudar a erradicar a pobreza, oferecendo trabalho na sua propriedade aos que se quisessem entregar a tarefas agrícolas tornando-se, assim, do seu ponto de vista, úteis à sociedade. O acordo implicava obrigações e direitos de ambas as partes tal como veio a acontecer no caso do *Guild* (Works, 28:687-89).

16 O exame a tal edição (1869) da biografia de Scott elaborada por Lockhart foi efectuado na Ruskin Library, em Lancaster (Inglaterra), biblioteca onde está preservado o principal espólio do autor.



nu as razões pelas quais, do seu ponto de vista, é imperioso não só preservar os monumentos do passado que melhor ilustram o estilo Gótico como também daí colher os ensinamentos do período medievo. É que, tal como explicita no conhecido capítulo "The Nature of Gothic," o estilo Gótico espelha a individualidade, liberdade e espontaneidade dos que o criaram, fazendo eco de uma sociedade de valores morais mais elevados. Ora, como sublinha Landow (1985:61), estes princípios colocam-se nos antípodas dos que caracterizam a sociedade em que Ruskin vive, uma sociedade que aliena o trabalhador, obrigando a desempenhar repetidamente tarefas mecânicas sem qualquer originalidade. Compreende-se, assim, que Ruskin apresente aos seus contemporâneos um estudo minucioso da arquitectura Gótica Veneziana,<sup>17</sup> através do qual recria os monumentos que admira em todo o seu esplendor. O objectivo que pretende alcançar é ambicioso: evitar que os seus leitores se deixem prender nas malhas da industrialização.

Qual cavaleiro empenhado em vencer a batalha em que luta, Ruskin insistiu sempre com vigor, junto da sua audiência, na importância dos valores morais incrustados na arquitectura Gótica. Assim, em "Traffic" (1864), não hesita em relembrar a relação estreita entre a arquitectura e a sociedade que a cria, acentuando que "Good architecture is the work of good and believing men" (Works, 18:440). Nas "Notes on the Present State of Engraving in England" (1876) o autor Vitoriano ataca, por seu turno, directa e violentamente o mau gosto da sua geração "railroad born and bred" (Works, 22:469-70), cuja principal actividade se resume a poluir o ambiente e a votar ao abandono as riquezas naturais do país (Works, 22:472-73). Ainda que tal ataque possa parecer excessivo coaduna-se bem, como sublinha Anthony (1983:49), com a personalidade Ruskin que, à semelhança do cavaleiro medieval, se lançava de forma desassombrada na luta pelos princípios que defendia. Assim, enquanto Herculano, cidadão pragmático, buscou na Idade Média argumentos sólidos em favor da mudança, Ruskin, pactuando com o idealismo, viu no período medievo a tábua de salvação para uma Inglaterra que considerava à deriva, sendo urgente dotá-la de sólidos alicerces morais. Pugnou, pois, o melhor que sabia, em prol de um futuro distinto para o seu país, que assentasse no respeito pelo passado e suas tradições.

### **Conclusão**

A Idade Média ocupa um lugar fundamental nas obras de Herculano e Ruskin. Integrados em sociedades profundamente distintas, utilizaram, com semelhante habilidade, o período medievo para colocarem diante dos leitores universos com paladar distinto dos seus, no intuito de exercer sobre eles particular influência. Ambos lutaram com vigor para conseguirem os seus propósitos.

Herculano revitalizou o interesse pela Idade Média norteado por propósitos de índole didáctica. Tais propósitos ficam patentes nas

<sup>17</sup> O trabalho meticuloso de Ruskin é posto em relevo por Hewison (2000).

suas narrativas históricas e, sobretudo, nos romances, local privilegiado para transformar a Idade Média em espelho de interrogações presentes, investindo-a de contornos ideológicos. O passado medieval constitui, pois, a matéria-prima de eleição para persuadir os seus contemporâneos a reflectir sobre a conjuntura em que estão inseridos, incitando-os a operar mudanças em favor de um futuro mais risonho.

Ruskin olhou a Idade Média enquanto oásis perdido onde pontificava a figura do cavaleiro. Inspirado pela leitura dos romances de Scott, mas também por convicção própria, procurou contagiar o seu entusiasmo pela Idade Média aos leitores, apontando-lhes o trilho da elevação moral que, do seu ponto de vista, era seguido pela cavalaria. O interesse de Ruskin pela arquitectura Gótica entronca também em princípios de ordem moral que, no seu entender, esta personifica. Ao chamar a atenção para a perda de tais princípios, Ruskin tem como objectivo instigar os seus contemporâneos a ler no estilo Gótico o enobrecimento moral que lhe deu origem e a optar pela criatividade em vez de seguir a maré da industrialização. Parece-me que tal mensagem continua actual.

#### Bibliografia

Anthony, P.D. *John Ruskin's Labour*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

Beau, A.E. "A História na concepção de Alexandre Herculano," in *Estudos*. Volume II. Coimbra: Universidade de Coimbra, pp.151-91, 1964.

Banham, J. "Past and Present: Images of the Middle Ages in the Early Nineteenth Century," in Banham, J. e Harris, J. (Eds.) *William Morris and the Middle Ages*. Manchester: Manchester University Press, pp.17-31, 1984.

Batchelor, J. *John Ruskin. No Wealth But Life*. London: Pimlico, 2001.

Buescu, H.C. *Chiaroscuro. Modernidade e Literatura*. Porto: Campo das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. "Medievalismo," in Buescu, H.C. (Coord.) *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Editorial Caminho, pp.310-13, 1997.

\_\_\_\_\_. *Lendas e Narrativas de Alexandre Herculano*. Apresentação crítica, selecção, notas e linhas de leitura. Lisboa: Editorial Comunicação, 1987.

Chandler, A. "Chivalry and Romance: Scott's Medieval Novels," *Studies in Romanticism*, 14, pp.185-200, 1975

\_\_\_\_\_. *A Dream of Order: the Medieval Ideal in Nineteenth Century English Literature*. London: Routledge, 1971.

Chapman, R. *The Sense of the Past in Victorian Literature*. London: Croom Helme, 1986.

Clegg, J. "Fiction, Fair and Foul: Ruskin Lettori di Scott," in Clegg, J. (Ed.) *Storie su Storie. Indagine sui Romanzi Storici (1814-40)*.

- Vicenza: Neri Pozza Editore, pp.41-64, 1985.
- Cook, E.T. e Wedderburn, A. (Eds.) *The Library Edition of the Works of John Ruskin*. London: George Allen, 1903-12.
- Fay, E. *Romantic Medievalism. History and the Romantic Ideal*. London: Palgrave, 2001.
- Finley, C.S. "Scott, Ruskin and the Landscape of Autobiography," *Studies in Romanticism*, 26, pp.547-72, 1987.
- França, J.A. "A Arte Medieval Portuguesa na Visão de Herculano," in *Alexandre Herculano à Luz do Nosso Tempo*. Ciclo de Conferências. Lisboa: Academia Portuguesa de História, pp.49-67, 1977.
- Girouard, M. 1981 *The Return to Camelot*. New Haven and London: Yale University Press, 1981.
- Herculano, A. *Eurico, o Presbítero*. Introdução por Carlos Reis. Lisboa: Ulisseia, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Lendas e Narrativas*. Tomo I. Lisboa: Bertrand Editora, 1992 a.
- \_\_\_\_\_. *Lendas e Narrativas*. Tomo II. Lisboa: Bertrand Editora, 1992 b.
- \_\_\_\_\_. *O Bobo*. Introdução por Ernesto Rodrigues. Lisboa: Ulisseia, 1992 c.
- \_\_\_\_\_. *O Monge de Cister*. Volume I. Mem Martins: Publicações Europa-América, s/d.
- \_\_\_\_\_. *O Monge de Cister*. Volume II. Mem Martins: Publicações Europa-América, s/d.
- Hewison, R. "Ruskin and the Gothic Revival. His Research on Venetian Architecture," in Hewison, R. (Ed.) *Ruskin's Artists. Studies in the Victorian Visual Economy*. London: Ashgate, pp.53-65, 2001.
- Hilton, T. *John Ruskin. The Later Years*. New Haven and London: Yale University Press, 2001.
- Landow, G.P. *Ruskin*. Oxford: Oxford University Press, 1985.
- Marinho, M.F. *O Romance Histórico em Portugal*. Porto: Campo das Letras, 1999.
- Milbank, A. *Dante and the Victorians*. Manchester: Manchester University Press, 1998.
- Pacheco, M.E.V. "O Património Scalabitano na visão de Herculano," in *Alexandre Herculano. Liberalismo e Romantismo*. Actas do Colóquio. Santarém: Escola Superior de Educação de Santarém, pp.91-103, 1999.
- Pires, M.L.B. *Walter Scott e o Romantismo Português*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa
- Serrão, J.V. *Herculano e a Consciência do Liberalismo Português*. Lisboa: Bertrand, 1977.
- Spence, M. (Ed.) *Dearest Mamma Talbot. A Selection of Letters Written by John Ruskin to Mrs Fanny Talbot*. London: George Allen and Unwin, 1966.
- Yokoyama, C. "Complexities and Contradictions of Medievalism in Victorian England. Ruskin and Morris," *The Round Table*, 5, pp.36-42, 1990.

